

1 TEATRO DA
TRINDADE
INATEL



A GAIVOTA

DE **ANTON TCHÉKHOV** VERSÃO E ENCENAÇÃO **DIOGO INFANTE**

UMA COMÉDIA AMARGA

MARGARIDA TAVARES
Apoio à dramaturgia de *A Gaivota*
Professora adjunta da ESAD.CR | Politécnico de Leiria

A Gaivota é a terceira obra das peças longas de Anton Tchékhov e foi escrita em 1895. Nela encontramos algumas das ideias que desenvolverá no seu trabalho que se tornará central no cânone teatral europeu moderno. Em Portugal, a primeira encenação desta obra data de 1965, e a segunda, de 1972, aconteceu neste mesmo Teatro da Trindade, pela Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro. E aqui está novamente, de retorno a este palco. Que vem dizer-nos, hoje?

Teatro do quotidiano, mas de um quotidiano dos momentos inabituais, de chegadas, de partidas, de encontros e desencontros, mais uma vez vem falar-nos de ideais postos em causa, de sofrimentos imprecisos, do afastamento, da desagregação.

Curiosamente, numa carta ao jornalista Alexis Suvorine de 21 de novembro de 1895, a propósito de *A Gaivota*, escreve Tchékhov: “É uma comédia.” Muito se tem debatido sobre esta afirmação do autor, que aqui junta ao registo de comédia, quase paródico, o registo simbólico (o lago, a gaivota), referências da tragédia (o *Hamlet*) e de mitos antigos (Édipo), para falar tanto da realidade mais prosaica como de reflexões mais abstratas.

O tema do teatro dentro do teatro atravessa toda esta peça, não somente no sentido de autorreflexividade teatral, mas enquanto abordagem da comédia da vida ou a vida como teatro. As personagens, que vão reagindo como podem à tensão invisível entre as suas expectativas de vida e aquilo que o mundo lhes dá de facto, não podem saber do destino. Agem como se tudo fosse correr bem. Cada personagem procura dar sentido à vida e, vivendo amores dessincronizados, são marcados pelo desejo de serem reconhecidos pelos outros. Constantino, Nina, Irina, Trigorin procuram esse sentido e reconhecimento na arte, na literatura, no teatro, de que cada um tem uma ideia diferente: uma conceção romântica e idealista em Nina; a defesa veemente de formas novas em Constantino; a arte como ofício diligente para Trigorin...

Num artigo de Carlos Porto afirma-se que as personagens do teatro de Anton Tchékhov “parecem destinadas a ser esmagadas pelos acontecimentos históricos que se avizinham”. São personagens que não emitem um grito protestatário, só suspiros e crispções, ecos da sociedade em perpétua mudança, que contrastam fortemente com a vida intensa, implicada e ativa do autor e a sua ação no combate às injustiças da sua sociedade que o acompanha até ao fim, em 1904.



ONTEM, NINA. HOJE, ARKADINA.

ALEXANDRA LENCASTRE · DIOGO INFANTE
Entrevista por Sónia Castro

Começamos por viajar até 1992. A Alexandra interpretava a jovem Nina numa encenação de *A Gaivota*, no Teatro da Graça. Como recorda o encontro com este texto?

Alexandra Lencastre (AL) – Estava apavorada, porque era a minha primeira grande protagonista, mas deixei-me pousar com confiança nas mãos de todos. Foi um elenco que me deu muito colo. Na altura, fizemos a versão integral e o espetáculo durava quatro horas e meia. O Diogo sabe, ele viu, portanto, está aqui a testemunha! Foi uma época muito especial e a recordação que tenho é muito bonita.

Diogo, que impressões ficaram desse espetáculo?

Diogo Infante (DI) – Já passaram muitos anos, mas lembro-me bem de todos os espetáculos que vi com a Alexandra. Nessa altura, não se falava de outra coisa!

Já se conheciam?

DI – Ainda não. Quando entrei no Conservatório, a Alexandra tinha acabado de sair. Mas falava-se muito neste novo talento, e eu comecei, obviamente, a vê-la e a admirá-la. Tenho uma vívida memória da Alexandra a interpretar a Nina. Apesar de a personagem ter 22 anos, o quarto ato exige uma maturidade emocional e uma experiência de vida que não é comparável à idade que a Nina tem. E a Alexandra, embora aparentasse toda uma leveza, uma beleza e uma sensualidade, era nas águas da dor, da desilusão, do sofrimento que navegava melhor. Essa memória acompanha-me até hoje. Eu posso dizer que estive lá. Eu vi-a!

Essa memória influenciou o convite à Alexandra para agora dar vida a Irina Arkadina?

DI – Há muitos anos que desafio a Alexandra para fazer peças e posso gabar-me de que as últimas vezes em que ela esteve em palco foram sempre comigo. A nossa amizade e a nossa cumplicidade profissional misturam-se e,



volta e meia, não há como não pensar na Alexandra. Esta peça acompanha-me até antes de a ter visto no Teatro da Graça, porque foi no Conservatório que a li pela primeira vez. Fiquei absolutamente fascinado! Ao longo de todos estes anos, sempre disse que *A Gaivota* é o meu texto favorito e que um dia gostaria de o encenar. Quando, finalmente, se reuniram as condições para poder materializar este sonho, lembrei-me imediatamente da Alexandra. O facto de ter feito a Nina há 30 anos (uma jovem aspirante e inocente atriz), e agora poder interpretar a Arkadina (uma mulher já madura, com uma longa carreira), é como se fossem os dois lados de uma mesma moeda. E poder, de alguma forma, fechar um ciclo pareceu-me cármico e predestinado.

Há nove anos que a Alexandra não pisava o palco. A última vez foi precisamente nesta sala, ao lado do

Diogo Infante, em *Quem Tem Medo de Virginia Woolf?*. Como está a viver este regresso ao teatro?

AL – Curiosamente, parece que não passou tanto tempo. Isso é bom! É bom sinal! O importante é que existam estes encontros. Podem não ser tão assíduos, mas sabemos que vão acontecer de tempos a tempos. Eu acabo sempre por voltar a fazer teatro pela mão do Diogo. Tenho muita confiança nele. Sinto nele uma âncora. Ele decifra-me muito bem e eu gosto disso. O olhar dele é acutilante, é como um falcão que nos guia: “Estás a fazer isto, não faças, não critiques a personagem.”

A Alexandra critica esta personagem, a Irina Arkadina?

AL – Às vezes! Talvez por ter feito a Nina, tenho aquela tendência de tornar esta Arkadina boazinha. (risos)



O que podemos esperar de diferente nesta abordagem do Diogo ao texto original?

DI – Fiz o exercício de despir o texto de referências que o pudessem datar, de algumas soluções linguísticas que são mais desatualizadas e de indicações que o pudessem geolocalizar. Na minha cabeça, este espetáculo passar-se-á algures no Portugal de hoje, numa zona campestre, longínqua, de acesso difícil. Neste texto, encontramos personagens a lidar com os seus próprios fantasmas e conflitos. Mas o que mais me motivou quando o li pela primeira vez, e que hoje continua a sensibilizar-me, é esta reflexão sobre a natureza do artista. Quando li este texto pela primeira vez, eu era uma Nina. Agora, sou uma Arkadina. O meu olhar também amadureceu, mas o que

me desafia é exatamente o mesmo: uma procura incessante. E a atualidade do texto é inacreditável! Passados 130 anos, a pressão que é colocada sobre a criação e os artistas é terrível. Eu coloquei algumas frases na boca da Arkadina, com a liberdade poética que o Tchékhov me perdoará, como uma forma não só de nos autocriticarmos, rirmos de nós próprios, mas fazermos também uma análise crítica e cínica de um meio que vive dependente das redes sociais, do olhar dos outros, de *likes*. Já não basta o talento. Hoje, somos empresas. Temos de nos autopromover, ter seguidores, deixar um lastro, conseguir impactar. Esse sentido crítico que o texto pressupõe, e que eu atualizei, é algo sobre o qual me interessa refletir e questionar.

SALA CARMEN DOLORES . 29 JAN A 5 ABR. QUA A SÁB 21:00 E DOM 16:30

A GAIVOTA

Escrita em 1895, *A Gaivota* é uma das mais emblemáticas peças de Tchékhov e é frequentemente considerada um comentário meta-teatral à natureza da arte e dos artistas.

Nesta versão atualizada, a ação passa-se numa propriedade rural isolada, onde são explorados os conflitos românticos e artísticos entre as personagens Irina Arkadina, Alexandre Trigorin, Constantino Treplev (filho de Irina) e a jovem Nina Zarechnaya. À medida que as suas vidas se vão cruzando e nos revelam os seus sonhos, ambições e frustrações, as personagens ganham fôlego nesta intemporal história sobre o poder, a fama e os sacrifícios que se fazem em nome da arte.

Depois de, em 1992, ter interpretado o papel de Nina na celebrada produção do Teatro da Graça, Alexandra Lencastre dá agora corpo e voz a Irina Arkadina, a diva do teatro clássico, cuja personalidade se impõe no palco e fora dele.

FICHA TÉCNICA E ARTÍSTICA

De **Anton Tchékhov**

Versão e encenação **Diogo Infante**

Apoio à dramaturgia **Margarida Tavares**

Com **Alexandra Lencastre** (Irina Arkadina), **André Leitão** (Constantino Treplev),

António Melo (Leo Shamraev), **Flávio Gil** (Simão Medvedenko),

Guilherme Filipe (Pedro Sorin), **Ivo Canelas** (Alexandre Trigorin),

Margarida Bakker (Márcia Shamraev), **Pedro Laginha** (Hugo Dorn),

Rita Rocha Silva (Nina Zarechnaya) e **Rita Salema** (Paulina Shamraev)

Cenografia **Catarina Amaro**

Figurinos **Filipe Faísca**

Desenho de luz **Nuno Meira**

Música original **Artur Guimarães**

Sonoplastia **Rui Santos**

Vídeo **João Alves**

Assistência de encenação **Flávio Gil**

Direção de cena **Raquel Caetano**

Técnicos de palco **Pedro Viegas, Tiago Areia, Tatiana Damaya**

e **Renata Cruz** (Estagiária)

Operação de luz **Alexandre Jerónimo**

Operação de som **Rui Santos**

Guarda-roupa **Joana Margarida**

Fotografia cartaz e spot TV **Pedro Macedo – Framed Photos**

Fotografia de cena **Alípio Padilha**

Produção **Teatro da Trindade INATEL**

CONVERSA COM O PÚBLICO . 8 FEV . APÓS O ESPETÁCULO



TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística **Diogo Infante** Direção Executiva **Hugo Paulito**

Secretariado da direção **Elisabete Duarte e Rita Martins** Tesouraria **Inês Figueiredo**

Produção **Andreia Rocha e Maria Cancela** Comunicação **Adriano Filipe e Sónia Castro**

Núcleo de cena **Nuno Pereira** (Coordenador) Direção de cena **Pedro Viegas e Raquel Caetano**

Iluminação **Pedro Gonçalves** (Responsável) e **Alexandre Jerónimo** Som **Rui Santos** (Responsável) e

António Oliveira Palco **Ana Machado, Joana Margarida, Tatiana Damaya e Tiago Areia** Receção/

Bilheteira **Simão Mendes** Manutenção geral **Vítor Albuquerque e Filipe Bastos** Técnicas de limpeza

Helena Gameiro (Encarregada), **Elsa Fernandes e Fernanda de Jesus** Portaria / Vigilância **Carla Aniceto**

e **Protecção Total**



www.teatrotrindade.inatel.pt



PARCEIROS

fonte viva



APOIO



MEDIA PARTNERS



M12
2026